



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Desafios ético-metodológicos de investigação com e sobre crianças em uma ocupação urbana

Autoria: Luciana Maciel Bizzotto (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais), Maria Cristina Soares de Gouvea

Este work resulta de uma pesquisa de doutorado em andamento no campo dos Estudos da Infância, com o objetivo de apreender o universo da criança em uma ocupação urbana periférica no município de Belo Horizonte (MG). Até a interrupção do campo devido à pandemia, foram realizadas visitas à ocupação durante 6 meses, totalizando mais de 40 encontros presenciais juntamente a um grupo de 15 crianças, de 02 a 14 anos de idade. Dentre os métodos experimentados, estão: observação participante, acompanhamento do trajeto de crianças até a escola, realização de oficinas de fotografias e desenhos, e passeio a museus. Serão apresentados aspectos referentes aos desafios ético-metodológicos da realização de pesquisa com crianças, em especial, aqueles que se devem ao fato de se tratar de um contexto (i) não institucionalizado e (ii) de luta pela moradia. Em um cenário de autoconstrução, no chão de terra batida que limita a passagem e a velocidade dos carros, entre assembleias e eventos comunitários que evocam a festa ao mesmo tempo em que tratam de assuntos estratégicos, como o acesso à água, as crianças das ocupações vivem uma infância diferenciada das demais realidades periféricas. Isso se reflete na relação dos sujeitos adultos que protagonizam a resistência junto com as infâncias que ali habitam, o que se expressa na motivação em garantir uma vida melhor para filhos e filhas, na alegria da presença da brincadeira no cotidiano infantil, ou no desejo de transformação social e construção de um lugar melhor para as crianças desfrutarem. Dado o contexto de escassez de pesquisas com e sobre crianças de ocupações urbanas no Brasil, assume-se uma



investigação que possa contribuir com os estudos do campo. Contudo, trazer à tona os sujeitos protagonistas dessa importante forma de resistência urbana no atual cenário nacional carrega consigo uma série de desafios ético-metodológicos. Como construir uma relação ética enquanto pesquisadora junto às famílias, lideranças locais e movimento social, em um contexto desgastado pela presença massiva da Universidade? Como lidar com a desigualdade social que se impõe em um contexto de precariedade? Como desenhar um projeto de pesquisa com e sobre crianças em um cenário instável em que não é possível garantir a sua presença e interesse? Esses são alguns dos questionamentos que se colocaram ao longo da pesquisa. Soma-se a estes, aqueles que se apresentam com a atual crise sanitária internacional: como prosseguir com a pesquisa diante dos desafios à sobrevivência das famílias participantes da pesquisa impostos pela pandemia e da necessidade do isolamento social? Em um cenário de desmonte de direitos e políticas públicas, qual o papel ético das pesquisas com crianças, em especial, de contextos de maior exclusão e invisibilidade social?



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: